

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **O marxismo na América Latina**; Trad. Egídio F. Schmitz. São Leopoldo, Editora Unisinos, 1995, 362 p. (Ed. original: **Ein Anderer Marxismus? Die Philosophische Rezeption des Marxismus in Lateinamerika**, Editora Grünewald, 1994).

*Bento Itamar Borges**

São 130 anos de marxismo na América Latina. A obra de Raúl Fernet-Betancourt, dividida em 7 capítulos, cobre o assunto do título desde 1861 até 1991, mas trata também do contexto histórico e intelectual precedente, recuando até 1830, ou seja ao período pré-marxista. Desse modo, no capítulo 1, sobre a “fase preparatória”, faz-se a ligação com a tradição do pensamento social utópico. Já em 1838, fora fundada na Argentina uma “Asociación Joven”, fortemente influenciada por Saint-Simon, e em 1840 eram discutidas as idéias de Fourier, numa revista fundada em Montevideú. No Brasil, foi publicada em 1855 a obra principal de Abreu e Lima, intitulada **O socialismo**, que defendia a concepção religioso-mística de Laménais. Fernet-Betancourt reúne já nesses primórdios testemunhos de como a América Latina estava em sintonia com as idéias sociais européias e ensaia o argumento, que valerá também para a recepção do marxismo neste subcontinente, a saber, que tais estudos do pensamento utópico “não são contudo uma imitação mecânica nem simples ‘tradução’. Pelo contrário, elas se encontram para adaptação, isto é, para a interpretação de idéias centrais do socialismo utópico europeu, na luz do contexto concreto das sociedades latino-americanas daqueles tempos.”(p.16-17) .

O grande destaque desse primeiro capítulo é José Martí. A carta que ele publicou logo após a morte de Marx, como homenagem, já ilustra bem sua posição: “Karl Marx está morto. Porque ele se colocou do lado dos fracos, ele merece ser honrado”(p.25). Martí se contrapõe, todavia, à dialética da luta de classes, advogando, em seu lugar, uma “solução suave”, mais adequada a um humanismo integral. Martí se tornou importante na formação de um fio condutor que veio a desaguar nas correntes de pensamento cristão da filosofia e da teologia da libertação.

A primeira publicação de uma tradução espanhola do **Manifesto do Partido Comunista** na América Latina, em 1884, é o marco inicial da “Etapa da delimitação ideológica inicial”, que vai até 1917, data óbvia. O

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

contexto social e cultural dessa etapa, que constitui o capítulo 2, é fortemente marcado pela fundação de partidos operários e de jornais combativos, bem como pela publicação de textos clássicos do marxismo e de estudos locais. Aliás, cada capítulo abre com um panorama das “circunstâncias históricas sócio-culturais” da etapa pertinente. Essa abordagem foi devidamente justificada na breve Introdução, enquanto “tentativa de reconstruir o processo histórico, por meio do qual uma filosofia é integrada na dinâmica da história, no âmbito específico de determinada tradição cultural” (p.9). Por exemplo, em 1887, já aparecem em Cuba citações e comentários das obras de Marx e Engels, e em 1892 é fundado o Partido Operário do Brasil, sobre o qual, aliás, Engels fez um comentário bastante debochado. Essa é também a época das polêmicas, oriundas da tradição espiritualista-idealista, como a de Farias Brito, contra o socialismo materialista: “A luta pela comida é uma luta de animais... Os homens só lutam - ou ao menos deveriam fazê-lo - por idéias.”(p.35). Nos círculos filosóficos, a primeira tentativa do embate entre socialismo e positivismo foi a busca de uma síntese, o que aliás, também para outros estudiosos da mentalidade brasileira, pelo menos, é um forte cacoete, ao lado do ecletismo. Todavia, o movimento positivista, que entra em confronto com o marxismo, ao contrário do tipo europeu, apresenta uma certa criatividade na América Latina; ele, na verdade, abriu caminho para o marxismo. Outros nomes de destaque no segundo capítulo são Juan Bautista Justo e José Ingenieros, ambos ligados a esse encontro construtivo de tendências ideológicas. Apesar de todas as dificuldades, especialmente do ponto de vista da reflexão filosófica, Forner-Betancourt conclui que o caso do “socialismo positivista” é de fundamental importância (para o marxismo e para a tese do autor, que vai sendo formada), pois “desde o início, a aceitação sistemática do marxismo foi acompanhada de uma clara vontade da sua transformação”(59).

A vitória da Revolução de Outubro de 1917 foi saudada por círculos intelectuais e organizações operárias latino-americanas como o advento dos “novos tempos”, resultando logo na radicalização dos partidos socialistas com intenções revolucionárias, que, em muitos casos se transformam em partidos comunistas. Entre 1918 e 1928, são fundados partidos comunistas e socialistas em toda a América Latina; dentre eles o autor destaca Cuba e Peru como “os mais importantes do subcontinente”. O capítulo 3 trata da “Etapa da implantação da ortodoxia”, mas isso não deve sugerir que os partidos recebessem o marxismo como “ideologia monolítica entorpecida” para uma “execução puramente mecânica” (p.73). Parece certo demarcar a recepção (não-ortodoxa) da “ortodoxia”, para que se entenda melhor a que o marxismo

se contrapõe, no debate que se agrava logo depois de 1917; a luta ideológica conduzida pelos partidos comunistas em nome do marxismo-leninismo volta-se não só contra a ideologia burguesa e seus interesses capitalistas e imperialistas, mas também contra o próprio socialismo reformista, o anarco-sindicalismo e o populismo. Nesse contexto, todavia, é que aparece com bastante destaque a figura de Haya de la Torre, que “representa talvez a primeira tentativa empreendida na América Latina, referente à inculturação do marxismo” (p.79). De la Torre, o fundador da APRA, fez do “aprimo” sinônimo de luta anti-imperialista, o que pressupunha no plano teórico a recusa do pensamento eurocêntrico. Fornet-Betancourt analisa esses aspectos políticos e filosóficos, discutindo especialmente a teoria do “espaço-tempo-histórico” (p.79-86). É importante que o leitor entenda tais distinções, se quiser compreender (e aceitar) a defesa que o autor fará da principal figura marxista latino-americana de todos os tempos, a saber, Mariátegui, a quem foi dedicado um capítulo especial, o 4. O capítulo 3, após reportar ao debate entre marxismo e populismo - onde se destacou a crítica de Julio Antonio Mella ao APRA - volta ao seu tema anunciado, concentrando-se nas colaborações da **Revista de Filosofia** sobre a Revolução de Outubro, especialmente nos artigos de José Ingenieros, positivista que mereceu o lugar de “filósofo mais importante da América Latina nesse tempo” (p.94). Fornet-Betancourt mostra como ele foi animado pela “nova consciência ética simbolizada pela Revolução de Outubro” a submeter o capitalismo a uma dura crítica, e analisa sua importância para a recepção do marxismo nos círculos intelectuais da América Latina.

O capítulo 4 é o centro não apenas geométrico do tratado de Fornet-Betancourt; seu título bem que poderia ser o do livro: “tentativa de tornar o marxismo nativo na América Latina”. Na verdade, as sete etapas identificadas por Fornet-Betancourt no desenvolvimento do marxismo neste subcontinente, todas devidamente justificadas em sua periodização, se reduziriam, a dois ou três momentos, em torno dessa “tentativa”: os primórdios, a implantação do marxismo e as interrupções do programa “criativo”. Os capítulos 5 e 6, cuidarão dessas interrupções: a recepção do marxismo na academia e o período stalinista, respectivamente. Esses intervalos não interessam tanto a esta resenha, exceto para citar a dura tese de Fornet-Betancourt sobre o período que vai da morte de Mariátegui, em 1930, até o início dos anos 60: “os marxistas latino-americanos [desse período] ainda não se encontram à altura das exigências teóricas implicadas no programa de Mariátegui (...). Por isso, seria típico para este tempo um movimento de retração, que se concretiza na improdutiva defesa da ortodoxia” (p. 159). Além do boicote

universitário, ambiente em que **não** se discute o marxismo latino-americano, explica-se o “empobrecimento” dessa etapa como consequência da “estalinização”. Na academia, nos anos 30, “a filosofia empreende definitivamente sua reorientação em direção ao espiritualismo e à metafísica” (p. 162), e predomina sempre o velho eurocentrismo. Fornet-Betancourt trata demoradamente de Anibal Ponce, discípulo de Ingenieros e bastante conhecido no Brasil enquanto pedagogo, porque esse marxista argentino se caracteriza como o anti-Mariátegui”, no que ele tem de eurocêntrico. Fornet-Betancourt mostra como o internacionalismo proletário serve para encobrir uma visão entreguista e de completo desprezo pelas tradições mais caras da América Latina, como o gaúcho e Simón Bolívar; Ponce os vê como caudilhos brutos e ávidos de poder - no que, aliás, sobre Bolívar, concordava com Marx (p.205).

Se o leitor de **O marxismo na América Latina**, passar direto do capítulo 4 ao 7, encontrará o desenvolvimento daquilo que o título original alemão sugere com a pergunta: **Ein Anderer Marxismus?** O tratado argumentativo de Fornet-Betancourt responde que **sim**: sob a inspiração remota de Martí, Mariátegui iniciou a elaboração de um “um outro marxismo”, O “marxismo criativo” na América Latina culminará na obra de Dussel, passando também por Che Guevara, Juan David García Bacca e Adolfo Sanchez Vásquez. Não há que se estranhar a presença do grande gênio militar de Che, e nem mesmo a apresentação elogiosa de Fidel; Fornet-Betancourt quer justamente tirar da sombra o lado “pensativo” do guerrilheiro, em geral conhecido apenas de uniforme de campanha. Em seus escritos políticos, é possível encontrar posicionamentos epistemológicos como críticas à “fria escolástica”, a concepção do “marxismo enquanto instrumental científico”, mas é sobretudo sua atitude que interessa ao texto, a saber: “A acentuação de um marxismo antidogmático, isto é, criativo era, para Guevara, por outro lado, uma exigência que resultava consequentemente da análise dialética da experiência da Revolução Cubana” (p. 271). Ingenieros pensara numa teoria da “diferenciação do socialismo” e Dussel fala de um “marxismo de tipo especial”, e Guevara merece o rótulo de “criativo”. Mariátegui foi criativo e inovador: para Fornet-Betancourt, seus **7 ensayos de interpretación de la realidad peruana** “marcam a hora do nascimento da primeira articulação sistemática de uma versão latino-americana do marxismo” (p.122) A criatividade do “Amauta” peruano pode ser simbolizada pelo fato de haver incluído em seu marxismo a questão indígena, inclusive a experiência comunitária inca. Após apresentar seu personagem central, o texto chega assim ao seu centro teórico, com a pergunta posta pelo autor: “Que marxismo

defendeu Mariátegui?”. (p. 136ss) Ao respondê-la, o autor passa pelas referências do filósofo peruano a Sorel, a Hendrik de Man, Bergson e pela influência de Gramsci e de outros pensadores italianos. A defesa do marxismo em Mariátegui é considerada diante da onda de ceticismo e de niilismo que assolava a Europa - onde passou alguns anos. Por fim, o livro de Fernet-Betancourt documenta a discussão e a classificação da obra de Mariátegui, de seu “marxismo indo-americano criativo” (p.155).

Há em Mariátegui uma certa autocompreensão messiânica - quando ele se refere ao marxismo como “evangelho e método de um movimento de massas”(p.141), isto é, a boa nova da revolução. Em seguida, ajunta-se a interpretação algo religiosa desse marxismo por Fernet-Betancourt que, em sua leitura, entende a distância da ortodoxia com uma certa dialética entre a “heresia” e o dogma; Mariátegui é um herege, cujo programa tem uma “função de aurora”. Fernet-Betancourt trabalha em um Instituto de Missiologia na Alemanha e publica a revista **Concordia**, que se ocupa inclusive de “teologias contextuais”, como a teologia da libertação. Além disso, a edição brasileira é editada por uma universidade de padres jesuítas. Ao leitor desavisado é bom alertar que este tratado sobre **O marxismo na América Latina** passa pela “opção preferencial pelos pobres”, mas não é nenhum panfleto. A filosofia da libertação e a teologia da libertação aparecem como momentos da recepção do marxismo no subcontinente, sem ocupar espaço desproporcional, em torno de nomes como Gutierrez, Boff e Frei Beto. Aqui há que se conceder, especialmente no ambiente acadêmico arredio a tais “malabarismos” intelectuais, que os defensores da ortodoxia marxista e de outras variantes teórico-ideológicas do eurocentrismo intelectual, sempre recusam a discussão do pensamento latino-americano, porque permanecem na estaca zero da pergunta pela legitimidade de tal alegação. Enquanto isso, os atuais continuadores de um “marxismo criativo”, dentre os quais se destaca há algum tempo o cubano Fernet-Betancourt, já avançaram bastante além dessa desconfiança. Os incrédulos que tenham a paciência de ler esse tratado verão ali bem mais que a justificativa de um programa; descobrirão, na reconstrução histórica do marxismo na América Latina, como é antiga essa posição dos “universalistas”, que querem ler a América Latina no “livro europeu”.

Embora a leitura de **O marxismo na América Latina** possa ser agradável como “crônica” a ser lida de um fôlego, seguindo-se o fio das teses do autor, que passeia por quase dois séculos de nossa história social e intelectual, seria, todavia, necessário fazer alguns ajustes editoriais para tornar mais fácil sua utilização como obra de consulta. Por exemplo, nos primeiros capítulos, o autor termina inúmeros parágrafos prometendo desenvolver

melhor o assunto adiante, mas não há indicação das páginas onde isso acontecerá. Para uma próxima edição, seria igualmente útil um índice onomástico e alguns reparos de revisão. Na tradução, o uso reiterado de "respectivamente" cansa e nem sempre cai bem. Entre as páginas 145 e 157 os erros de revisão aumentam consideravelmente. Ali há inúmeros vocábulos entre parênteses, ora em alemão, ora em português, que certamente aguardavam a escolha final do tradutor, sendo que não foram eliminadas as opções descartadas. E nem sempre são conceitos-chave de difícil tradução.

Há certamente muitos tratados do gênero, sobre o marxismo na América Latina ou em algum de seus países, mas temos que recomendar a leitura deste aqui resenhado, justamente por causa de sua perspectiva interessada na continuidade de um programa teórico e de ação social. O nível da discussão filosófica, a clareza da exposição - inclusive, com muitos resumos recapitulativos ao final das seções e capítulos - e a riqueza de fontes completam as razões a seu favor. A propósito, há uma extensa bibliografia ao final, com mais de 30 páginas, e no interior dos capítulos há sempre farta indicação de textos. O Brasil aparece pouco, mas em alguns casos nossos marxistas têm o devido reconhecimento, como Caio Prado, Leôncio Basbaum, Boff, Frei Beto e mesmo os antigos como Tobias Barreto e Farias Brito. Essa fraca participação é explicada pelo plano da obra, no eixo Argentina-Peru-Cuba, mas em algumas notas de rodapé, o autor sugere monografias, que manifestam algum plano de se dedicar mais a esta nossa fração lusitana da América Latina.